

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

**MARIBEL OLIVEIRA**

**Projetos de Aprendizagem:  
Um novo olhar para Educação Infantil**

**Porto Alegre  
2010**

**MARIBEL OLIVEIRA**

**Projetos de Aprendizagem:  
Um novo olhar para Educação Infantil**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FAGED/UFRGS.

**Orientador(a):  
Profa. Dra. Gládis kaercher**

**Tutor(a):  
Rossana Strunz Coelho dos Santos**

**Porto Alegre  
2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**Reitor** : Prof. Carlos Alexandre Netto

**Vice-Reitor**: Prof. Rui Vicente Oppermann

**Pró-reitora de Graduação**: Prof<sup>a</sup> Valquiria Link Bassani

**Diretor da Faculdade de Educação**: Prof. Johannes Doll

**Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD**: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

## Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos que estiveram comigo nestes momentos de aprendizagem, de realizações profissionais e pessoais;

Ao meu filho Artur que sempre compreendeu os momentos em que eu ficava a frente do computador, que me acompanhou no pólo de informática e em aula presencial e agora no último semestre demonstrava seu apoio enquanto me dividia no auxílio aos seus temas de casa e o trabalho de conclusão e vendo-me concentrada, questionava "ainda é o TCC?";

A minha mãe que esteve sempre ao meu lado dando-me força, incentivo, auxiliando na educação do Artur, sem ela não teria chegado até aqui;

Ao Bruno, uma pessoa especial que Deus colocou em em minha vida, que me fez ver a vida com todas as boas oportunidades que ela nos traz todos os dias;

Ao meu pai que mesmo em outro plano está sempre torcendo por mim e apesar da sua partida foi neste momento que compreendi a importância do amor e do perdão;

As minhas colegas de PEAD, pois juntas realizamos mais essa conquista;

A todos os professores que estiveram comigo nesta caminhada, graças a eles sou uma profissional mais atualizada, mais dinâmica;

A Andrea Diana Oberher e Rosana Camargo dos Santos, as colegas de escola que de uma maneira especial contribuíram com minha formação profissional e me apoiaram em momentos pessoais difíceis que passei durante a caminhada no PEAD;

A minha amiga e colega Tatiana Cleidi da Silva, com quem dividi meus problemas, minhas angústias e conquistas da própria faculdade e também meus sonhos e alegrias;

A todos meus familiares e amigos que estiveram comigo, que perguntavam como estava a faculdade, quando iria me formar;

E enfim a quem eu mais tenho que agradecer, o motivo deste trabalho, a capacidade de inovação, a alegria em aprender, minha turminha de Jardim nível A.

Ninguém pode mudar o mundo...  
Mas podemos mudar uma pequena parcela dele...  
Esta parcela nós chamamos de EU.  
Não é fácil, nem rápido...  
Mas vale a pena tentar.  
(Fábio Azomar)

## **RESUMO**

O presente trabalho retrata inovações na Educação Infantil através dos Projetos de Aprendizagem, onde o aluno tem valorizadas as suas falas e sua realidade, e a partir disso realiza pesquisa e investigação sentindo-se entusiasmado a buscar recursos que lhe possibilitem novas descobertas, novos desafios. Apresenta também a postura do professor nos Projetos de Aprendizagem, pois este passa a ser desafiado com questões que não tem a resposta mas que favorecem o seu prazer em aprender, pesquisar, investigar e inovar.

Palavras-chave:, Inovação, Projetos, Educação Infantil

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

PA: Projeto de Aprendizagem

PEAD: Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS .....</b>	<b>7</b>
<b>1 O INÍCIO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 OS MÉTODOS .....</b>	<b>11</b>
<b>3 PEDAGOGIA DE PROJETOS .....</b>	<b>14</b>
3.1 Arquiteturas Pedagógicas.....	15
3.2 Projetos de Aprendizagem.....	16
3.3 Postura do Professor e Ambientes de Aprendizagem .....	22
<b>4 OS DADOS.....</b>	<b>24</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>34</b>



## 1. O INÍCIO

Desde 2003 trabalho com Educação Infantil, neste meu primeiro ano de trabalho iniciei muito entusiasmada realizando o trabalho que até aquele momento havia aprendido e considerava bom. Trabalhava com unidades temáticas como: integração, higiene, Páscoa, índios, até descobrimento do Brasil a dia das mães. Tinha objetivos, planejava atividades, mas nem pensava se as crianças estavam interessadas em aprender sobre o que eu trazia, e alguns até sabiam dizer que quem descobriu o Brasil foi Pedro Álvares Cabral, e eu achava que isso era ensinar e que meus alunos aprendiam.

Então na unidade temática sobre meio ambiente, estava eu na rodinha com as crianças, mas neste dia começaram a fazer algumas perguntas como: O sol é de fogo? De onde vem o vento? É verdade que quando chove Deus está chorando? Neste momento me vi perdida, mas anotei as questões e disse que procuraria respostas. Comentei com a diretora na época e pela primeira vez ouvi falar em projetos, que eu não precisava trabalhar datas comemorativas, que podia fazer “ganchos” em um projeto grande, não entendi muito bem, mas continuei com o “meio ambiente”, busquei livros sobre sol, vento e a diretora que estudava biologia fez uma palestra aos alunos, assim se iniciou minha busca pelo novo, ainda bem.

Nos próximos anos nas reuniões pedagógicas estudamos sobre projetos de trabalho, li alguns capítulos do livro de Fernando Hernández (1998), elaboramos alguns passos para elaboração de projetos e comecei a trabalhar com projetos, o primeiro projeto realizado, hoje diria que foi um centro de interesse, onde escutei que falavam sobre pipas e a turma inteira estudou sobre pipas, nos próximos anos fui aperfeiçoando, dividindo a turma em grupos, envolvendo os pais, solicitando materiais.

No entanto na faculdade de Pedagogia fui construindo minhas aprendizagens

sobre autonomia do aluno, a construção de sua própria aprendizagem, a valorização dos saberes e da realidade de nosso aluno, a capacidade que têm de se expressar, questionar, e iniciaram-se os debates, as aprendizagens sobre os PAS, os Projetos de Aprendizagem com questão de investigação, e no presente trabalho meu objetivo central é trazer este novo olhar para a Educação Infantil, é expor, mostrar as possibilidades e desafios de um Projeto de Aprendizagem, compartilhar esta prática realizada com crianças de 4 a 5 anos de idade onde foi possível valorizar questões e com elas buscar respostas, investigar, pesquisar sobre um fato das suas realidades que poderia ser analisado.

Abordo também a importância de valorizar os saberes e curiosidades do aluno, assim como as mudanças profissionais na postura do professor e o aprendizado colaborativo e contagiante que o PA nos possibilita.

## 2. OS MÉTODOS

A pesquisa aqui apresentada é de cunho qualitativo, ou seja, houve uma observação de fatos reais, uma profunda compreensão e reflexão do contexto analisado, assim como empregou mais de uma fonte de dados, portanto consiste em relatar e analisar a realização do Projeto de Aprendizagem, e assim trago informações complementares sobre a realidade dos alunos envolvidos e sobre a escola onde realizei a pesquisa pedagógica.

As técnicas utilizadas para a pesquisa foram o caderno de planejamento, o diário de bordo, o relatório de estágio, fotos, desenhos. Todas atividades foram bem elaboradas seguindo uma sequência em que as próprias crianças acompanhavam, o diário de bordo foi o registro de todas atividades, com fotos, desenhos e ficava na sala como um livro disponibilizado às crianças, pois também possibilitava o acompanhamento do projeto. O relatório de estágio foi um material bem completo em sua elaboração, pois nele constam os planejamentos das nove semanas de estágio, bem como as reflexões sobre as atividades realizadas, o processo de construção do Projeto de Aprendizagem e as diversas aprendizagens realizadas pelos alunos neste período.

A realização do P.A. aconteceu em uma escola de Educação Infantil da rede municipal da cidade de Saporanga, com crianças na faixa etária entre quatro e cinco anos de idade. Por questões éticas a escola e os sujeitos envolvidos não terão seus nomes descritos e imagens divulgadas. As crianças e pais colaboradores da pesquisa foram citados com a primeira letra do nome, e ou a primeira letra do segundo nome para crianças com nomes repetidos na turma.

A escola tem como principal objetivo oportunizar o crescimento pessoal e condições de transformação da realidade social de acordo com as potencialidades

humanas. Atende nos turnos manhã e tarde com horário de funcionamento das 6 horas e 30 minutos às 18 horas. A escola atende a 199 crianças desde berçário a jardim nível B, ou seja, crianças de 2 meses de idade à 5 anos. A escola possui 7 salas de aula, 1 sala de atividades múltiplas, e 1 biblioteca, 1 secretaria e uma sala de direção.

O ingresso na escola se dá por inscrição na central de vagas no prédio da secretaria municipal de educação, os critérios usados para a seleção são as condições financeiras da família.

O corpo docente da escola é composto por uma coordenadora pedagógica que visita a escola 2 dias por semana, 1 diretora, com carga horária de 44 horas semanais, 1 secretário com carga horária de 30 horas semanais, somente no turno da tarde; 9 professoras, 10 estagiárias e 13 funcionárias de serviços gerais.

A população atendida é de classe média baixa, alguns pais desempregados, a maioria tem casa própria, não possuem 1º grau completo, o transporte mais utilizado por nossas famílias são ônibus e bicicleta, o que justifica Saporanga-cidade das bicicletas. As famílias atendidas são pouco participativas na vida escolar de seus filhos. Próxima a escola passa a Avenida 20 de setembro, e nesta há um supermercado, uma floricultura, uma loja de calçados, duas pecuárias, uma loja de móveis, também na vila há duas escolas próximas uma municipal e uma estadual, tendo a estadual o ensino de 2º Grau. Também há em torno de uns três ateliers de calçados. Na distância de três quadras da escola fica o Centro Esportivo, onde tem uma pista de corrida, uma pequena praça, um campo de futebol de areia e um ginásio para aluguel de festas e encontro do grupo da terceira idade desta mesma localidade.

A direção esteve a frente dos trabalhos desde 2005 até julho de 2010, conhece a proposta dos Projetos de Aprendizagem e nos incentiva a pô-los em prática, sempre demonstra entusiasmo com nossas conquistas pedagógicas e incentiva qualificação profissional.

A turma é tranquila, composta por 27 crianças de 4 a 5 anos de idade, sendo 15 meninos e 12 meninas. A maioria dos pequenos não haviam frequentado a escola antes, mas todos se adaptaram com tranquilidade chegando felizes a escola. No início das aulas tinham dificuldade para respeitar regras, compreender o que era

realizado em cada momento da aula, mas logo essa situação mudou, pois estabeleceu-se uma rotina, participam com entusiasmo de todas atividades propostas, gostam de brincar com carrinhos, bonecas, bolsas do baú das fantasias, recorte de gravuras de revistas e livros velhos e trabalhos com tinta. Como característica própria da faixa etária, mas bem representada nesta turma é a fantasia, o que é bom para incentivar a dramatização a criação de histórias. Alguns contavam filmes a que assistiam, misturando fantasia com realidade em suas histórias, pois como nos diz Tardeli (2002.p.71):

Na idade de 2 a 6 ou 7 anos, aproximadamente, a criança desenvolve o que Piaget chamou de Pensamento Mágico. Essa forma de pensamento caracteriza-se pela maneira como a criança entende e interpreta o mundo à sua volta, não só por meio da fantasia e da intuição, mas principalmente pela capacidade de transformar e de simbolizar.[ . . .] Podemos dizer, então que estimular a fantasia é totalmente benéfico e fundamental para a formação de adultos criativos e transformadores.

Outro aspecto interessante da turma é quando estavam no pátio, ou pracinha estavam sempre "atenados" para tudo que acontecia a nossa volta, como, chamavam, mostravam para mim, para os colegas, um avião que passa no céu, pássaros. Um dia gritavam preocupados, com uma fumaça que havia no morro próximo a escola, na outra semana escutavam um miado de gato no buraco do muro da escola, me chamaram para escutar e mais ou menos uma hora depois conseguiram libertar o gatinho. São essas observações, e acredito que um olhar e um acompanhamento atento da minha parte que colaboraram com meu próprio trabalho e valorizando essa interpretação de mundo das crianças é que surgiu uma expectativa maior em relação a construção do Projeto de Aprendizagem.

Portanto iniciei as nove semanas de estágio muito motivada com minha turma que sempre demonstrou entusiasmo diante de todas as propostas e, além de tudo relacionam-se muito bem entre eles mesmos e comigo também.

Mas enfim, descrevo nos capítulos seguintes as indagações, investigações em torno dos projetos de Aprendizagem na Educação Infantil, suas inovações, desafios e possibilidades.

### 3. PEDAGOGIA DE PROJETOS

A Pedagogia de Projetos surgiu nos séculos XIX para XX durante a Escola Nova ou Renovação Pedagógica, este movimento tinha como principal objetivo inovar a educação. Ovide Decroly, Maria Montessori, John Dewey, Celestin Freinet, são nomes relevantes na fundação da Escola Nova que trazia esta crítica a escola tradicional e que propunha a organização do ensino através de algumas características como: globalização, interesse do aluno, participação dos alunos e da comunidade.

Podemos verificar que a educação já passou por algumas transformações desde as unidades temáticas e os centros de interesse, porém na atualidade pensa-se na criança como um todo, como ser capaz de desenvolver sua inteligência através da valorização da sua cultura e da sua interação com o meio, como sujeito que tem possibilidades de construir suas aprendizagens, portanto ênfase as idéias propostas nos projetos de trabalho e aprendizagem, cada um com suas adaptações ao currículo escolar, a faixa etária das crianças, a realidade do local onde estão inseridas as crianças que trazem o assunto, problemática, ou questão de investigação a ser pesquisada, sem deixar de nos trazer desafios e inovações na prática pedagógica. E sobre a inovação com os projetos Barbosa (2000, p.80) ressalta que:

É importante lembrar que historicamente os projetos foram construídos com o objetivo de inovar, de quebrar o marasmo da escola tradicional e que seus criadores tinham a convicção dos pioneiros, o compromisso com a transformação da realidade, o desejo e a coragem de assumir o risco de adotar uma inovação e a

convicção de que era preciso criar uma nova postura profissional para o educador. Esta nova postura incluía a ampliação da autonomia do professor. Propunha que este pudesse pensar sobre o seu grupo de alunos, sobre a realidade, sobre os conhecimentos e planejar e executar uma proposta educativa junto com seus alunos e seus pares.

Hernández traz a idéia de projetos de trabalho, onde também já apresenta uma visão inovadora sobre aprendizagem e autonomia do aluno, porém o foco ainda é o professor, que pode propor a problemática aos alunos. Entre as características mais importantes dos projetos de trabalho destacam-se:

Parte-se de um tema ou problema negociado com a turma; Inicia-se um processo de pesquisa; Buscam-se e relacionam-se fontes de informação; Estabelecem-se critérios de ordenação e de interpretação das fontes; recolhem-se novas dúvidas e perguntas; Estabelecem-se relações com outros problemas; Representa-se o processo de elaboração do conhecimento que foi seguido. (HERNÁNDEZ.1998.P.81).

### 3.1 ARQUITETURAS PEDAGÓGICAS

No sétimo semestre do curso de Pedagogia a Distância estudamos o texto sobre Arquiteturas Pedagógicas organizado pelos professores Rosane Aragón de Nevado, Marie Jane Soares Carvalho e Crediné Silva de Menezes, que explica a Arquitetura dos Projetos de Aprendizagem:

A sistematização desta arquitetura compreende o lançamento de problemas e formulações a partir de suas *Certezas Provisórias* e *Dúvidas Temporárias*. Em termos de metodologia, o primeiro passo é selecionar uma curiosidade, que para fins didáticos, denomina-se de *Questão de Investigação*. A seguir é feito um inventário dos conhecimentos (sistemas nocionais, ou conceituais dos aprendizes) sobre a questão. Esse conhecimento pode ser classificado em dúvidas e certezas. As certezas para as quais não se conheça os fundamentos que a sustentem são denominadas de provisórias. As dúvidas são sempre temporárias. O processo de investigação consiste no esclarecimento das dúvidas e na validação das certezas. (NEVADO, CARVALHO, MENEZES, 2007, p.41)

A partir do estudo deste texto elaboramos um trabalho em grupo, as Arquiteturas Pedagógicas a serem aplicadas no estágio curricular com turmas de Jardim nível A, entre algumas atividades estão: passeios pelas ruas próximas a escola, filmes, histórias contadas, imagens em *power point*, conversações espontâneas na rodinha, ou passando um microfone ou bola para cada aluno que quiser fazer uso da palavra. Após a expressão da questão de investigação constam nas Arquiteturas Pedagógicas a organização dos Projetos de Aprendizagem como a expressão das dúvidas temporárias e certezas provisórias, confecção do diário de bordo e mapa conceitual, plano de ação, desenvolvimento e resposta a questão de investigação, todas adaptadas a faixa etária de nossos alunos, ao ritmo dos mesmos, de acordo com as questões trazidas e o próprio desenvolvimento do projeto.

Sendo as Arquiteturas Pedagógicas um trabalho artesanal, estas auxiliaram no incentivo a minha prática com Projetos de Aprendizagem na Educação Infantil quando diz que: “Seus pressupostos curriculares compreendem pedagogias abertas capazes de acolher didáticas flexíveis, maleáveis, adaptáveis a diferentes enfoques temáticos.” (NEVADO, CARVALHO, MENEZES, 2007, p.39)

### 3.2 PROJETOS DE APRENDIZAGEM

Para iniciar a fala sobre os Projetos de Aprendizagem é imprescindível citar o Projeto Amora, que tem como base as teorias construtivistas de Jean Piaget, onde são valorizadas as capacidades de inteligência e interação.

Segundo Magdalena e Costa (2003) o Projeto Amora iniciou-se em 1995 no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio grande do Sul tendo como compromissos uma educação que leve a novas descobertas de nossa condição humana, como sujeito e coletivo; e entre seus propósitos: estimular a mudança institucional para oferecer alternativas criativas para as exigências da sociedade atual. O modelo pedagógico do projeto Amora é o “de aprender a aprender e não o de ensinar. É o de construir e não o de instruir. (MAGDALENA e COSTA,2003,p. 91). Este projeto nos traz a importância da valorização da fala dos alunos, da



valorização da expressão original sem interferência do professor através do exemplo das questões geradoras de investigação "Por que o céu muda de cor?, Por que na praia não chove salgado?" (MAGDALENA e COSTA, p.96, 2003).

Neste exemplo é que se percebe a diferença na proposta pedagógica dos Projetos de Aprendizagem, pois o professor não interfere, não propõe e sim o aluno expressa sua questão de investigação.

E de acordo com Léa da Cruz Fagundes os projetos de aprendizagem proporcionam maior autonomia do aluno e somente assim ele será o sujeito da construção de seu próprio conhecimento, porque expressará sua curiosidade através de questões por ele formuladas e não saberá o rumo que pode tomar, portanto será desafiado e terá que se fazer novos questionamentos e considerar conhecimentos já construídos, pois sabemos que o aluno tem suas vivências, que sua realidade deve ser valorizada e que independente da faixa etária já faz observações amplamente significativas de tudo que acontece a sua volta, e a criança de 4 a 5 anos está naquela fase em que pergunta, o que é isto, o que é aquilo e porque e porque, ou seja, a fase dos por ques e nós professores podemos proporcionar a aprendizagem através de seus questionamentos, pois sobre a questão de investigação enfatiza Fagundes (1997, P.16):

Num projeto de aprendizagem, de quem são as dúvidas que vão gerar o projeto? Quem está interessado em buscar respostas? Deve ser o próprio estudante, enquanto está em atividade num determinado contexto, em seu ambiente de vida, ou numa situação enriquecida por desafios. Mas a escola, ou o curso, pode permitir ao aluno escolher o tema, a questão que vai gerar o desenvolvimento de um projeto? É fundamental que a questão a ser pesquisada parta da curiosidade, das dúvidas, das indagações do aluno, ou dos alunos, e não imposta pelo professor.

E assim percebe-se a ênfase que é dada ao aluno, a liberdade de expressar suas curiosidades, as dúvidas, as hipóteses são deles e não do professor, para o professor também será uma pesquisa, mas com certeza este aluno se sentirá mais motivado a pesquisar, aprender, pois terá maior interesse em sanar suas curiosidades.

Ainda conforme Fagundes (1997, P.24):

A situação de projeto de aprendizagem pode favorecer especialmente a aprendizagem de cooperação, com trocas recíprocas e respeito mútuo. Isto quer dizer que a prioridade não é o conteúdo em si, formal e descontextualizado. A proposta é aprender conteúdos, por meio de procedimentos que desenvolvam a própria capacidade de continuar aprendendo, num processo construtivo e simultâneo de questionar-se, encontrar certezas e reconstruí-las em novas certezas. Isto quer dizer: formular problemas, encontrar soluções que suportem a formulação de novos e mais complexos problemas.

Além do aluno sanar suas curiosidades ele terá entusiasmo pelo processo de aprendizagem e não pelo resultado final em si, pois como torna-se um questionador, ele sempre se questionará pelo mesmo assunto ou outros que venham a surgir. Durante o processo ele constrói novas questões e novos aprendizados e isso lhe traz o prazer em aprender que o projeto de aprendizagem pode proporcionar, assim como também não aprende sozinho, a aprendizagem torna-se cooperativa, o grupo, ou turma faz combinações, organiza materiais, sugere ambientes de pesquisa, como no exemplo realizado com meus alunos aconteceu esta aprendizagem cooperativa quando buscamos respostas com os pais dos alunos, com agricultores, produtor rural, moradora da cidade, quando fomos passear na casa de um aluno da turma que mora próximo ao morro. E considerando que na Educação Infantil no processo de aprendizagem, se dá a importância de trabalhar com projetos de aprendizagem, onde podemos pensar que este aluno desenvolveu sua autonomia, que futuramente será capaz de questionar, de buscar ainda mais desafios, que procurará meios para transformar sua realidade, que será um cidadão crítico e ativo na sociedade. No artigo *Aprendizes do Futuro: as inovações começaram!* Coleção Informática. Fagundes (1999, documento eletrônico) exemplifica:

O trabalho com PA é assim entendido como um processo complexo de idas e vindas entre o que eu penso que sei; o que me falta saber; o quê e onde buscar; que informações são importantes e o que elas me dizem: corroboram o que eu pensava saber, contradizem o que eu sabia, apontam novos aspectos nos quais eu não havia pensado, geram novas perguntas? Além disso, nosso papel como mediadores

deste processo, fica fortemente vinculado a este conhecimento inicial, trazido à tona.

Neste trecho do artigo fica bem definido que o PA nos é desafiador, por ser complexo, ser inovador no sentido de que ao iniciar o PA o professor deve estar disposto a mudar, pois não trabalhará o que sempre trabalhou, nem sequer irá escolher o que estudar, nem terá a resposta pronta, mas sim aprenderá em conjunto com seus alunos.

E no artigo Revisitando os Projetos em tempo de web 2.0 as autoras Magdalena e Costa (2009, documento eletrônico) explicam:

É preciso salientar que os alunos, em especial os menores, têm inquietações que não vem facilmente à tona. Assim, é necessário sentar com eles com muita calma e procurar escutá-los, sem induzir e direcionar. É necessário solicitar que falem sobre aspectos que, para nós, podem parecer bastante óbvios. Quando agimos assim, muitas vezes, eles nos surpreendem com uma questão que, na verdade, encobre outra(s). Fazer florescer e tornar mais preciso o que eles sabem e buscam é um passo fundamental no processo de construção cognitiva.

Assim se dá o início do projeto com questão de investigação, e me identifiquei porque na Educação Infantil tudo se inicia na rodinha onde sentamos calmamente, onde surgem as conversações, onde conhecemos nosso aluno, aprendemos a entendê-lo, e foi assim que consegui ouvir suas primeiras questões que identificavam um fato observado na realidade a nossa volta percebido por eles. E porque não valorizar a fala dos pequenos e com eles buscar informações, descobrir porques e analisar a situação de diversos pontos de vista e até encontrar soluções, alternativas, para problemas trazidos por eles? Basta valorizar suas falas e acreditar que são capazes, pois no Projeto de Aprendizagem, nós professores também não temos as respostas ou o caminho programado a percorrer. A respeito disso Moraes, (2002, p.141) enfatiza que:

A pesquisa em sala de aula constitui-se numa viagem sem mapa; é um navegar por mares nunca antes navegados; neste contexto o professor precisa saber assumir novos papéis; de algum modo é apenas um dos participantes da viagem que não tem inteiramente definidos nem o percurso nem o ponto de chegada; o caminho e o mapa precisam ser construídos durante a caminhada.

Assim me senti ao ouvir os questionamentos das crianças como também no momento de decidir sobre a questão de investigação, pois era uma proposta nova para mim, era um fato que eu não havia observado e não tinha as respostas, mas à partir da pesquisa fomos trilhando caminhos, buscando meios para encontrar as respostas.

Através de um olhar atento, um diálogo investigativo, a valorização da fala das crianças de 4 anos e sua realidade, esse enxergar o que está a nossa volta nos permite buscar, investigar, pesquisar um porque pois conforme Kohan e Waksman (1998, p.44 e 45):

A palavra "porque" é fundamental como um marco, a indicar que uma pessoa está prestes a dar uma razão. Boa parte do fazer da filosofia resulta de pedir e dar razões. As razões formam a base da explicação e do esforço por justificarmos nossas crenças e nosso comportamento. São uma "ferramenta" crucial para se aprender a esquadrihar sob a superfície. A idéia de dar uma razão é num primeiro momento desconcertante para a maioria (se não para todas) das crianças do jardim.

E foi o que aconteceu com a turminha, pois quando os colegas A e F expressaram as questões: Por que tem fogo no morro e porque derrubam as árvores do morro? Pude perceber este desconcerto, mas ao mesmo tempo o entusiasmo para expressar mais dúvidas e buscar respostas que as solucionariam, e no projeto a resposta encontrada nem sempre é o auge, mas sim as vivências, as experiências, ou seja, a pesquisa, a investigação realizada que nos instiga a descobrir, refletir sobre um fato de nossa realidade e o mais prazeroso para um professor é perceber

que lhe é permitido iniciar um processo de transformação através de crianças pequenas pois estes contagiam suas famílias e assim pude verificar na pesquisa e expressão de hipóteses com os pais, onde estes contribuíram com o trabalho de investigação relatando sobre passeios ao morro Ferrabraz, expressando dicas de preservação e valorização dessa natureza presente em nosso município. Assim como de acordo com seus pontos de vista expuseram suas razões, nas falas dos pais de A e A podemos verificar: "Sapiranga ainda mantém muitos laços com a cultura interiorana. O povo veio do interior para trabalhar aqui e construir suas famílias e seu futuro. Vamos todos preservar o morro que é a nossa natureza."

" O fogo que viram não é fogo, mas sim fumaça de queimada de roças, porque sem roças não teremos verduras. As árvores são algo que devemos preservar, mas se não desmatar, não teremos alimentos em nossas mesas."

Nos Projetos de Aprendizagem fica clara essa aprendizagem significativa ao aluno, pois a questão foi trazida por ele mesmo e ele sente sua realidade valorizada e descobre junto com os demais colegas e professor as respostas que buscava e geralmente no desenvolvimento do projeto surgem mais dúvidas, curiosidades que lhe proporcionam ainda mais aprendizagens, pois, "ao realizar de aprendizagens significativas, o aluno constrói a realidade atribuindo-lhe significados. A repercussão da aprendizagem escolar sobre o crescimento pessoal do aluno é maior, quanto mais significativa ela for mais significados permitir-lhe construir". (COOL, 2003 p.54).

No momento de iniciar o Projeto de Aprendizagem todas colocações das crianças devem ser consideradas, não há que se esperar perguntas perfeitamente elaboradas por crianças de 4 anos e sobre este processo de expressões de questões Kohan e Waksman (1998,p.98) explicam:

De modo especial, pode haver crianças com dificuldades de expressão que apenas possam mencionar algumas palavras ou uma oração do texto que lhes chamou a atenção. É possível que alguma criança tenha interesse em certo tema, mas não lhe ocorra nenhuma pergunta a propósito desta questão.

Independente do projeto ser de trabalho ou aprendizagem ele retrata este compromisso pedagógico e esta motivação dos alunos, e nos traz isso porque trabalha com o novo, não está pronto e sim é construído. Conforme define Cool (2003. p 19):

É projeto porque está aberto as inevitáveis e importantes surpresas do dia-a-dia em uma sala de aula. Porque não fixa uma única e melhor forma (seja quanto aos métodos seja quanto aos materiais, seja quanto aos exemplos ou ilustrações) de realizar a intenção pedagógica. É projeto porque se compromete com um desejo (aquele que dá sentido, por exemplo, à vida de um pai ou professor: promover o desenvolvimento de seu filho ou aluno) e argumenta concretamente em favor dele. Porque luta por ele. Não desanima. E se um caminho tornou-se difícil, ou impossível, busca outros. Porque se não pôde fazer tudo o que foi “previsto” no desejo, realizou o que foi possível e necessário fazer em nome dele. Porque na realidade de suas aulas sempre estiveram presentes a virtualidade de suas intenções ou compromissos pedagógicos.”

### 3.3 POSTURA DO PROFESSOR NOS PAs E AMBIENTES DE APRENDIZAGEM

Podemos verificar na realidade escolar que ainda poucos professores trabalham com a pedagogia de projetos, enfatizam os conteúdos, ou acreditam que dependendo da faixa etária as crianças não têm informações importantes a nos trazer. Em relação a essas dificuldades colocadas como empecilho aos projetos acredito que basta valorizar a fala das crianças, globalizar conteúdos com a realidade que eles nos trazem, através de histórias, questionamentos e Hernández (1998.p113) complementa:

Estamos, pois diante de uma idéia de relação (mais do que de globalização), que vai dando a uma realidade uma pergunta, uma informação, uma curiosidade inicial significados diferentes, segundo a direção que tome a idéia de relação da qual se parte mas também com a qual se vai encontrando se estivermos atentos ao que acontece na sala de aula. Em qualquer sala de aula, também na dos meninos e meninas de 3 anos.

No projeto de aprendizagem a busca por respostas vai além do aprendizado em sala de aula, pois como nos diz Jansenn, Hoffman, Esteban (2006, P.79) “são valorizadas as potencialidades dos estudantes de buscarem por si próprios respostas a problemas que eles mesmos propõem como importantes, para os quais todas as fontes de informações são válidas, dentro e fora da escola”. Assim incentiva a pesquisa com pessoas, a lugares diferentes onde pode se encontrar soluções, facilita a investigação confrontando informações que auxilia o aluno a também formar sua opinião, sai da sala de aula e vivencia um aprendizado que não será esquecido, ampliando as capacidades do aluno da Educação Infantil futuramente ser mais questionador, ter mais autonomia na construção do seu conhecimento, pois através da prática com projetos de aprendizagem podemos perceber que mesmo ao final (se é que tem final), ficam ainda algumas indagações, alguns questionamentos e uma grande vontade de realizar mais mudanças em relação ao assunto estudado principalmente se ele surgiu de uma questão de investigação polêmica, que divide opiniões, porém este é sempre um incentivo para se iniciar um novo PA.

Ainda sobre o aprendizado fora da sala de aula, em novos ambientes consegui proporcionar uma vivência no laboratório de informática de uma escola de ensino fundamental próxima a escola, onde a maioria dos alunos conheceu o computador, utilizaram somente o mouse, desenhando no *paint*, e assistiram ao vídeo “Um pé de quê”, sobre o pé de jabuticaba, árvore frutífera que despertava muita curiosidade nos alunos, e assim utilizaram a tecnologia para facilitar a aprendizagem.

#### 4. OS DADOS

A coleta de dados para a pesquisa se deu nas nove semanas de estágio, em especial na realização do Projeto de Aprendizagem. Para iniciar o trabalho tracei alguns objetivos que foram fundamentais na minha postura como professora que pretendia aplicar um Projeto de Aprendizagem, pois planejar é essencial, assim como sonhar, e Freire (1997) compara o planejamento com o sonho que possibilita a nós professores colocar em prática nossas intenções e os desejos de nossos alunos, a fim de termos um plano de trabalho.

Os principais objetivos que auxiliaram essa caminhada foram: Demonstrar entusiasmo durante e após o estágio, sentindo vontade de aplicar mudanças a minha prática pedagógica, planejar e refletir sobre todo ato realizado com meus alunos buscando as soluções para transformar o que necessita ser modificado; Estar atenta a tudo que falam e como expressam o próprio aprendizado, suas vontades, seus desejos; Dedicar um tempo maior a pesquisa de importantes bibliografias relacionadas a Educação Infantil, e também registrar através de fotos e relatos o que estou realizando e como está o retorno deste aprendizado com meus alunos; Tornar minha sala de aula um espaço que proporciona a ludicidade, a imaginação, a fantasia, a criatividade, novas descobertas e experiências que favoreçam a socialização, a interação, assim auxiliando na formação de novos cidadãos que possam ser ativos na realidade em que atuam.

Desde o início das aulas realizei atividades de preparação para o levantamento de questões, dúvidas e curiosidades dos alunos, como o passeio pelas ruas próximas a escola, filmes sobre animais, histórias de livros, recorte de gravuras de revistas. Iniciei o PA reunindo as crianças na rodinha e fazendo o questionamento sobre o que queriam aprender, se podiam fazer uma pergunta sobre alguma coisa que não sabem. Quase todos falaram, mesmo que só colocações, pois essa faixa etária ainda nem sempre consegue expressar-se oralmente com clareza



ou formular uma pergunta. E as primeiras colocações/questões foram:

F: Quero saber por que tinha fogo lá no morro?

D: Meu pai foi no morro e tava queimando, meu pai tirou foto.

A: Porque derrubam as árvores?

A C: Quero aprender a plantar frutinhas.

K: Quero saber das motos.

MR.: Quero aprender a escrever.

GH. :Quero aprender, de cavalo.

R: Cavalo de desenho

C: Quero saber do fogo no papel.

Â: De cavalo.

C: Quero aprender a andar de cavalo.

G T. Meu cachorrinho morreu, profe.

K.E: Eu já vi o fogo no morro.

M.I: Eu tenho um cachorro que baba, mas só que ele tem um dentão.

N: Eu queria ser veterinária.

K: Queria aprender a andar de moto de motoqueiro.

C: Eu queria aprender a colocar as frutinhas para nascer.

Podemos observar que entre as colocações há somente duas questões de investigação para o Projeto de Aprendizagem, então dividiram-se os grupos de acordo com as questões e neste momento percebi os líderes, pois só com um “olharzinho” os grupos se formavam, ou seja, aqueles que tinham falado sem muita motivação logo partiram para os grupos no caso consistentes, e tanto F e A autores das questões de investigação não abriam mão de suas questões e assim contagiaram os colegas. E eu neste momento, me senti um pouco insegura, com a decisão nas mãos. Não consegui excluir uma das questões, ou deixar os dois grupos divididos quando pareciam tão empolgados, valorizando as falas dos colegas.

Reunindo os grupos para falarem mais sobre suas idéias, deixei que falassem espontaneamente, entenderam que teriam que falar mais e com colocações interessantes, a fim de convencer um grupo ao outro que uma ou outra questão seria a mais importante a ser trabalhada, investigada. As argumentações foram as seguintes:

Por que tinha fogo lá no morro?

T: Um vizinho colocou fogo na árvore e as frutinhas não nasceram.

C: Arrancaram as árvores do morro.

K: Eu fui no morro e vi o fogo no morro.

E: Tenho árvore em casa.

A C: Eu fui no morro e vi o fogo, o pai foi lá, os bombeiros botaram água.

R: Saiu fogo do morro e tinha macaco que morreu, e a mãe e o pai do macaquinho morreu.

W: São os animais que cortam as árvores.

D: O meu pai tava tirando foto lá no morro e os homens tavam matando as folhas.

Por que derrubam as árvores?

C: As frutinhas cai das árvores porque foram colocadas na árvore.

Â: Dá fruta na árvore quando ela fica grande.

A C: Quando a árvore não cresce não vem frutinha.

G H. Por que eles tiram as folhas das árvores?

M R. Tinha bichinho grudado na folha da árvore.

A: Porque derrubam as árvores do morro?

K: As árvores do morro caem.

Assim percebe-se a importância da fala das crianças onde expõem suas vivências e o mais fantástico, sua imaginação, como o aluno R que levantou hipóteses sobre o que aconteceria com os macaquinhos do morro. Muitas vezes subestimamos a criança e trazemos conhecimentos que ela já tem e o Projeto de Aprendizagem possibilita analisarmos o que a criança quer saber, e o que já sabe, neste caso fica claro que ela já sabe que no morro há macaquinhos, mas através das certezas provisórias e dúvidas temporárias estas hipóteses podem ser ampliadas, pesquisadas.

Para expressar as certezas e dúvidas utilizamos a técnica do desenho, pois através do desenho cada aluno se expressou explicando o desenho, que como nos diz Derdik (1990, p.54): “Enquanto houver crianças desenhando, representando construindo, inventando, processando o consumo deste mundo ficcional que lhes é apresentado como realidade, esta poderá ser fruída de maneira inteligente, sensível e indagadora”. Desta maneira a atividade foi bem compreendida por todos e pude perceber a evolução deles, que já demonstravam ter objetivos e estavam fazendo uso dos por quês, assim como já havia mais participação, alguns alunos que não

havam se manifestado começaram a expor suas falas. As manifestações foram as seguintes:

O que quero saber (DÚVIDAS TEMPORÁRIAS):

A: Por que derrubam as árvores do morro?

G H.: Por quê derrubam as árvores do morro?

M R.: Como nascem as árvores?

W: Por quê tem árvore no morro?

F: Quem botou fogo no morro?

Â: Por quê tem fogo no morro?

K: Por quê o sol vai no morro?

C: Por quê tava queimado o morro?

E: Por quê tem fogo no morro?

R: Por quê eles botaram fogo no morro?

K: Por quê tinha fogo no morro?

V: Eu queria saber do fogo no morro.

N: Como nascem as flores no morro?

C: Por quê tem água e terra no morro?

A: Como se planta flores no morro?

T: Por quê tem flores no morro?

K: Onde estão as flores do morro?

A C: Por quê tem flor no morro?

O que já sei (CERTEZAS PROVISÓRIAS):

A: Lá na rua do morro tem um campo de jogar bola.

G.H.: Eu moro bem perto do morro.

M. R.: Quero aprender a escrever.

W.: As borboletas moram no morro.

F: O morro é uma floresta.

D: Meu pai tirou foto do morro.

Â: As árvores dão frutas.

K: No morro dá para brincar de esconde-esconde.

C: No morro caiu as árvores.

E: Tem que tirar o fogo do morro.

R: Eles botaram fogo no morro e todos bichinhos morreram.

K: No morro tem animais.

V: Tem ovelha no morro.

N: Tem fogo nas árvores.

C: Eu queria subir o morro e ver as árvores bem grandes.

A: No morro tem sol, nuvem e árvores.

T: No morro tem arco-íris.

K: No morro tem muito sol.

A. C: Eu, o pai, a mãe, a vó e a mana foi no morro.

De acordo com minha prática pedagógica, ou seja, experiências anteriores pensei nas idéias de algumas vivências que podiam auxiliar na resolução das questões, mesmo para a faixa etária deles de uma maneira bem autônoma, onde eles mesmos poderiam ir percebendo, questionando, investigando e descobrindo suas curiosidades, verificando se suas hipóteses estavam certas ou não. O PA gera essa expectativa tanto para o professor quanto para o aluno e sendo este realizado com crianças de 4 e 5 anos de idade o professor tem a função de incentivar a autonomia, mas alguns passos, algumas estratégias devem ser elaboradas, colocadas no papel por ele mesmo enquanto que com alunos maiores eles mesmos já podem registrar estes passos de elaboração do projeto.

Portanto relato aqui as principais pesquisas, entrevistas, saídas de campo realizadas pela turma em busca das respostas sobre suas indagações.

A primeira pesquisa realizada foi com os próprios pais que assim tornam-se colaboradores do aprendizado de seus filhos. Das pesquisas trazidas se destacaram uma pesquisa na internet com fotos do morro Ferrabraz, registros com explicações para o desmatamento e queimada no morro e sugestões de preservação e valorização deste patrimônio natural, relatos de passeios ao Morro Ferrabraz, assim como a expressão do desejo de uma mãe de conhecer, subir o morro Ferrabraz. Essa pesquisa foi um início muito importante, porque à partir dela os pais acompanhavam o nosso trabalho, o aprendizado de seus filhos, fazendo do Projeto de Aprendizagem um trabalho cooperativo, contagiante.

As histórias também contribuíram muito com o processo de aprendizagem das crianças, fomos a biblioteca da escola para pesquisar, com todas elas aprendemos, pois as histórias nos trazem o conhecimento de forma prazerosa, cativante, envolvente e de acordo com Craidy e Kaercher (2001. p. 81):

Às vezes no dia-a-dia da Escola Infantil esquecemos o quanto ouvir e contar histórias é importante. Quando lembramos desta importância, transformamos este momento de partilha - que é o ato de ouvir e contar - em algo estranho. Nele, contadores de história e ouvintes transformam-se em professores e alunos. A partir daí, definimos os papéis (um conta o outro ouve) encerra-se a possibilidade da partilha.

As histórias mais significativas foram: A árvore que chorava, onde levamos as cadeiras para o pátio em baixo do pé de canela, e assim contei a história, todos ouviram com atenção, e prestaram atenção nas características da árvore.

A história A gotinha Plim Plim foi contada com gravuras, também assistimos ao vídeo sobre recursos naturais que complementavam o estudo sobre neblina, evaporação, pois muitas vezes o que viam no morro não era fumaça e sim evaporação. As crianças representaram a história em um trabalho com recorte e colagem e a menina A falou corretamente o que havia aprendido quando expressou: - “As gotinhas tão subindo no morro, sabe como é o nome, evaporação”.

Outra atividade que deixou os alunos muito entusiasmados foi o passeio a casa do colega G.H. que anteriormente já havia relatado a turma, quando explicou seu desenho, sobre a proximidade de sua casa com o morro Ferrabraz e isso despertou uma grande curiosidade na turma, então fomos, e durante o passeio fiquei feliz em ver que reconheciam e apontavam os pés de canela plantados em frente as casas, o que refletia o interesse e aprendizado dos meus pequenos. Estando na casa do Gabriel questionamos sua mãe sobre as queimadas e desmatamentos no morro e ouvimos o seguinte depoimento: “Passam aviões do IBAMA cuidando o morro, verificando se há queimadas e devido a essa fiscalização as pessoas evitam colocar fogo nas roças”.

A confecção dos quebra-cabeças confeccionados pelas crianças também foi essencial, a procura por gravuras de árvores, paisagens naturais, a colagem, o recorte auxiliaram no aperfeiçoamento da motricidade fina, e também via-se a sensação boa de estar brincando com um brinquedo de produção própria, e Orso (1997,p.6) noz lembra que:

É neste momento que recordamos com saudade os tempos em que as crianças faziam seus próprio brinquedos, como o carrinho de

lomba, a pandorga, a peteca, o catavento, a perna de pau e muitos outros deixados para trás, perdidos no tempo e no espaço. Diante dessa realidade torna-se importante a valorização do brincar, pois é através da brincadeira que a criança chega ao seu desenvolvimento sócio-afetivo.

Também realizamos as entrevistas, uma com uma antiga moradora de Sapiranga com um produtor rural ainda residente no morro de nossa cidade. Com a entrevistada coletamos os seguintes dados que possibilitaram aos alunos fazer uma comparação com a realidade de tempos atrás e atualmente:

Para subir e descer o morro era a pé, a cavalo, e o trem só passava na 20.

Às vezes se descia pés- descalço e colocava-se o calçado ao chegar na escola.

Plantava-se aipim, batata, chuchu, frutas e a roça era capinada, ou se colocava fogo, mas hoje não se pode mais colocar fogo.

Uma vez teve uma enchente muito grande, choveu muito, muito e derrubou muitas árvores, descia um barro vermelho, tinha que ir para Araricá primeiro e depois para o centro de Sapiranga, após este fato minha família ficou com muito medo de morar no morro e viemos morar no Bairro Amaral em uma casa onde hoje localiza-se o supermercado Vieira.

O produtor rural nos falou sobre sua vivência e explicou que eles produtores derrubam árvores com o objetivo de ocupar este espaço e fazer roça, e em lugares em que o trator não entra para tirar galhos e limpar é colocado fogo, que o IBAMA fiscalizava e até multou alguns colonos, mas estes se reuniram com um deputado e pediram que lhes deixassem plantar em paz que esse era o trabalho deles e assim que sobreviviam, não sabiam fazer outra coisa, e que sabiam também a importância de reflorestar e evitar queimadas.

Acredito que as atividades que proporcionaram vivências inesquecíveis às crianças foram as realizadas fora da sala de aula, ou seja, buscamos ambientes novos para aprender. Visitamos o Centro Municipal de Estudos Ambientais da cidade e a Feira do Agricultor também de Sapiranga onde os alunos puderam valorizar a natureza existente estando em contato com a mesma de uma forma divertida e desafiadora, pois atolaram-se no barro, atravessaram pontes, foi uma verdadeira aventura; assim como na feira conheceram os produtores rurais, os produtos plantados e colhidos em nosso morro e compraram aipim que foi utilizado para o

preparo do docinho de aipim onde todos colaboraram e degustaram.

A visita ao laboratório de informática também foi uma inovação, buscamos este acesso em uma escola próxima, lá assistiram a um vídeo sobre árvores, alguns utilizaram o computador pela primeira vez e segundo Magdalena e Costa (2003, p.97) “hoje não há dúvidas de que essas tecnologias devem fazer parte do processo de aprender na escola. Resta descobrir formas inovadoras de como utilizá-las”. Assim como também desenvolver um trabalho que utilize o computador, a internet de forma apropriada à faixa etária dos alunos e no caso as atividades realizadas no laboratório foram pensadas especialmente para eles contribuindo com o conteúdo do Projeto de Aprendizagem

Então conversando com as crianças na rodinha, comentando a exposição das fotos sobre o projeto chegamos a nossa conclusão, que tem de haver um consenso entre tudo isso, essa destruição é necessária para que o alimento seja produzido, mas que então sejam replantadas as árvores, tem de ter um meio termo, para que se cuide do morro e que o colono também possa continuar buscando sua sobrevivência, mas que nós cidadãos temos e podemos ter essa função de questionar, indagar, buscar soluções para os problemas atuais, e mesmo pequenos têm condições para isso, e acima de tudo, são capazes, basta nós, “adultos” termos este “olharzinho” atento a estes olhinhos curiosos.

Na finalização do projeto confeccionamos um panfleto com desenhos dos alunos com dicas de preservação elaboradas pela turma como: Evite queimadas; Plante árvores; Economize água; Não jogue lixo no chão; Separe seu lixo. Entregamos os panfletos nas casas próximas a escola e ficou conosco o sonho de mudança e mesmo que não se descubra totalmente a resposta ou revolucione tudo para resolver uma situação crítica, no final, (se é que PA tem final), você fica com a certeza de que buscou, incentivou, proporcionou vivências, experiências que mostraram que é possível transformar, alegrar-se e ainda continuar a refletir, sobre: Porque tem fogo no morro? Porque derrubam as árvores do morro?

E durante a realização do Projeto de Aprendizagem destaco as minhas aprendizagens como professora, como ser humano, pois na elaboração do projeto aprendi a aceitar a opinião das crianças a perceber a importância de suas falas, a deixar me contagiar com a expressão da fantasia que tornou o aprendizado mais envolvente. Também me senti insegura quando tive que decidir sobre as questões de investigação e não consegui dizer para um grupo que sua questão não seria

trabalhada, então o desafio foi trabalhar as duas, mesmo que as duas tivessem o mesmo enfoque e fontes de pesquisa, porém com isso aprendi a ser flexível, a ver que nem sempre temos a decisão pronta, podemos adaptá-la de uma maneira que fique favorável a todos.

O fato de me sentir entusiasmada por proporcionar vivências marcantes a meus alunos, pois acreditei desde o início do projeto que essas vivências favoreceriam o aprendizado deles e esse é um dos maiores aprendizados do PA, essa busca por respostas, esse envolvimento que contagia, que divulga e mais ainda, que sonha com a transformação da realidade através do aprendizado construído.

Assim se resume meu aprendizado, porque diante das incertezas, daquela dúvida em qual questão escolher a pesquisar, de pensar sobre as saídas de campo, se ia, não ia, de não desistir na primeira tentativa de utilizar o laboratório de informática da escola próxima, de deixar-me contagiar pelas fantasias dos alunos de perceber o quanto estavam envolvidos com o aprendizado, de trazer pessoas diferentes para a sala de aula, de passar uma ponte equilibrando os braços e dizendo para si mesmo “equilíbrio, equilíbrio”, ou seja, superar, inovar, porque o que fica é uma professora que tornou suas aulas mais práticas, mais inovadoras, que aprendeu a olhar a sua volta, a escutar a estar envolvida com os alunos, pois como disse na apresentação, no workshop, “em oito anos, o morro esteve sempre ali, mas só agora no estágio, aplicando um Projeto de Aprendizagem, com duas questões de investigação é que, claro devido ao questionamento das crianças, voltei meu olhar para o que estava tão perto e necessitava ser questionado, indagado, pesquisado”.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar ao final do trabalho de conclusão do curso de Pedagogia percebo o quanto aprendi, principalmente a pesquisar, o maior desafio inicial foi ir em busca de bibliografia sobre o assunto que gostaria de expor.

Refleti sobre minha carreira profissional desde meus objetivos lá no magistério às atualizações, aprendizagens, mudanças profissionais e pessoais que conquistei até agora.

Muitos foram os desafios do nosso curso e muitas as superações. O uso das tecnologias me trazendo atualização e aprendizagem em rede. Os trabalhos em grupo que além de conquistar novas amizades me prepararam para essa mudança como professora, onde passei a aceitar opiniões e valorizar saberes diferentes dos meus, e isso reflete na minha própria prática com Projetos de Aprendizagem.

A cada semestre fomos aprendendo mais e mais, as disciplinas e a organização foram muito bem pensadas, elaboradas, pois o trabalho de conclusão foi resultado das aprendizagens dos nove semestres de estudo. Estudo esse, a distância, que exigiu muito mais disciplina, organização do tempo e dedicação. Outro aspecto que colaborou muito com meu crescimento profissional foram os workshops, com a apresentação de slides. A utilização deste recurso tecnológico me proporcionou a segurança de me expressar melhor oralmente, falar em público sobre as aprendizagens e reflexões.

Acredito que meu objetivo central foi atingido, pois assim tenho a possibilidade de transmitir essa nova idéia, esse novo olhar para as nossas crianças da Educação Infantil, esse acreditar que são capazes, que aprendem e nos ensinam muito mais, pois muitas vezes só basta escutá-las, valorizar suas falas, suas

realidades, enxergar o mundo com elas e respeitar as capacidades desta faixa etária.

A nós professores sempre cabe muitas mudanças, adaptações, mas sempre a vontade de inovar, sem preocupar-se de imediato com os resultados finais e sim com o caminho percorrido, dar ênfase a pesquisa, a investigação.

Enfim, sentir-se feliz com cada olhar de curiosidade, de descoberta que os pequenos nos trazem todos os dias. Sentir-se feliz pela sensação de estar plantando a mudança, a transformação, a inovação.

## REFERÊNCIAS

- COOL, César. 2003. Psicologia e Currículo. 5ª edição.
- COSTA, Elisabeth Tempel; MAGDALENA, Beatriz Corso. Revisitando os Projetos de Aprendizagem, em tempos de web 2.0. Disponível em <http://peadalvorada6.pbworks.com/f/Revisitando+os+Projetos+de+Aprendizagem%2C+em+tempos+de+web+2.0.pdf>
- COSTA, Elisabeth Tempel; MAGDALENA, Beatriz Corso. Internet em sala de aula: com a palavra, os professores. 2003. Porto Alegre. RS. Artmed
- CRAIDY, Carmem Maria. KAERCHER, Gládis Elise P. Da Silva. Educação Infantil: Pra que te quero? 2001. Porto Alegre. RS. Artmed.
- DERDYK, Edith. Formas de pensar o desenho. Editora Scipione. 3ª edição. SP
- FAGUNDES, L. da C. Aprendizagem do Futuro: as inovações começaram! Coleção Informática. Disponível em <http://mathematikos.psico.ufrgs.br/textos/aprender.pdf>
- FREIRE, Madalena. Avaliação e planejamento: a prática educativa em questão. SP. Espaço Pedagógico. 1997.
- HERNÁNDEZ, Fernando. Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho. (Trad.) Jussara Haubert Rodrigues. RS. Artmed. 1998
- KOHAN, Omar Walter; WAKSMAN, Vera. Filosofia para crianças na prática escolar. 1998. Petrópolis, RJ: Vozes. 3ª edição.
- MORAES, R. Educar pela pesquisa: exercício de aprender a aprender. In: MORAES, R. LIMA, V.M.R. (Orgs.). Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002
- NEVADO, Rosane Aragón de; CARVALHO, Marie Jane Soares; MENEZES, Crediné Silva de (Orgs.). Aprendizagem em rede na educação a distância: estudos e recursos para formação de professores. Porto Alegre: Ricardo Lenz, 2007.
- ORSO, Darci. Atividades Recreativas-Resgatando o prazer de brincar. 1997.
- SILVA da, Janssen Felipe. HOFFMANN, Jussara. ESTEBAN, Maria Teresa. (Org.). Práticas avaliativas e aprendizagens significativas: em diferentes áreas do currículo. Editora Mediação. 4ª edição. RS. 2006
- TARDELI, Denise D'Aurea. A invenção da sala de aula (Grubas Projetos Educacionais e Culturais). Petrópolis: Editora Vozes. 2002
- XAVIER, Maria Luisa M. Planejamento em destaque: análises menos convencionais (Cadernos de Educação Básica, 5) Porto Alegre. Mediação. 2000. 170p.